

NÃO VIM  
TRAZER PAZ

por  
**Joseph Stoll**

Tradução  
**Charles David Becker**

Literatura Monte Sião  
Caixa Postal 241  
18550-970 Boituva – SP

[www.lmsdobrasil.com.br](http://www.lmsdobrasil.com.br)

e-mail: [info@lmsdobrasil.com.br](mailto:info@lmsdobrasil.com.br)

2009

## **Não Vim Trazer Paz**

foi publicado originalmente no inglês sob  
o título *The Drummer's Wife  
and Other Stories from Martyrs Mirror*  
por Joseph Stoll pela  
Pathway Publishing Corporation ©1968  
Aylmer, Ontario, Canadá  
e traduzido para o português pela  
Publicadora Menonita  
C.P. 105  
75901-970 Rio Verde – GO  
com autorização expressa e exclusiva da  
Pathway Publishing Corporation

### RESERVADOS TODOS OS DIREITOS

Nenhuma parte desta edição pode ser utilizada ou reproduzida em qualquer meio ou forma — seja mecânico, eletrônico ou mediante fotocópia, gravação, etc. — nem apropriada ou estocada em sistema de banco de dados, sem a expressa autorização da Publicadora Menonita.

Esta edição de Não Vim Trazer Paz  
foi publicada pela  
Literatura Monte Sião  
com autorização expressa da  
Publicadora Menonita

**NÃO TEMAI OS QUE MATAM O CORPO, E NÃO PODEM MATAR  
A ALMA. TEMEI ANTES AQUELE QUE PODE FAZER PERECER NO  
INFERNO TANTO A ALMA COMO O CORPO.**

**NÃO SE VENDEM DOIS PASSARINHOS POR UM ASSE?  
E NENHUM DELES CAIRÁ EM TERRA SEM O  
CONSENTIMENTO DE VOSSO PAI.**

**E ATÉ MESMO OS CABELOS DA VOSSA CABEÇA  
ESTÃO TODOS CONTADOS.**

**NÃO TEMAI, POIS. MAIS VALEIS VÓS DO QUE  
MUITOS PARDAIS.**

**PORTANTO, TODO AQUELE QUE ME CONFESSAR  
DIANTE DOS HOMENS, EU O CONFESSAREI DIANTE DE MEU PAI  
QUE ESTÁ NOS CÉUS.**

**MAS TODO AQUELE QUE ME NEGAR DIANTE  
DOS HOMENS, EU O NEGAREI TAMBÉM DIANTE  
DE MEU PAI QUE ESTÁ NOS CÉUS.**

**NÃO PENSEIS QUE VIM TRAZER PAZ À TERRA.**

***NÃO VIM TRAZER PAZ,  
MAS ESPADA.***

**POIS EU VIM TRAZER DIVISÃO ENTRE O HOMEM E SEU PAI,  
ENTRE A FILHA E SUA MÃE, ENTRE A NORA E SUA SOGRA.**

**ASSIM, OS INIMIGOS DO HOMEM SERÃO  
OS SEUS PRÓPRIOS FAMILIARES.**

**QUEM AMA O PAI OU A MÃE MAIS DO QUE A MIM,  
NÃO É DIGNO DE MIM; QUEM AMA O FILHO OU A FILHA  
MAIS DO QUE A MIM, NÃO É DIGNO DE MIM.**

**E QUEM NÃO TOMA A SUA CRUZ, E NÃO VEM APÓS MIM, NÃO  
É DIGNO DE MIM.**

**QUEM ACHAR A SUA VIDA PERDÊ-LA-Á, E QUEM PERDER A  
SUA VIDA POR MINHA CAUSA, ACHÁ-LA-Á.**

**—JESUS, EM MATEUS 10:28-39**

## Prefácio

---

Não vejo motivo para escrever muito aqui. Basta dizer que as histórias encontradas neste livro não são produto da minha imaginação. Com apenas uma exceção, todos os personagens existiram na vida real. Fiz o possível para retratá-los fielmente.

*Não Vim Trazer Paz* é a história do anabatismo nos Países Baixos nos anos 1531–49. A parte principal deste livro — *A Mulher do Percussionista* — é baseada nos escritos de Hadewijk e de Elizabeth, publicados em 1660 por Thieleman J. van Braght, nas páginas 481-482 e 546-547, da edição de 1951 do *Martyrs Mirror*. Fatos suplementares foram tirados de *Mennonitisches Lexikon*, *The Mennonite Encyclopedia* e outros livros de história e pesquisa sobre os anabatistas.

Esperamos que a primeira história, a mais comprida, prepare o leitor para as que se seguem. Colocadas cronologicamente, elas abrangem o período de 1549 a 1569. Cada história é baseada, acima de tudo, no que o *Martyrs Mirror* relata, com a ajuda de outros livros de pesquisa.

Fico especialmente grato pela ajuda e também pelas críticas construtivas de duas pessoas: David Luthy e Elmo Stoll. A última história — "Dirk Willems e o caçador de ladrões" foi escrita por Elmo.

As ilustrações neste livro são gravuras feitas por Jan Luyken (1649-1712), que apareceram na primeira edição do *Martyrs Mirror*, em 1685.

Espero que estas histórias possam proporcionar aos leitores pelo menos um pouco das muitas bênçãos que recebemos ao escrevermos este livro. Que a fé preciosa de nossos antepassados – aquela mesma fé que ficou firme diante das torturas e mortes mais cruéis – possa continuar nos inspirando a ter uma vida santa. Esta herança nossa, por mais valiosa que seja, não terá valor algum se não seguirmos a fé que ela representa.

Se esta obra conseguir despertar dentro dos leitores um novo interesse pela verdadeira fé, então o nosso serviço não terá sido em vão.

**JOSEPH STOLL**  
**AYLMER, ONTARIO, CANADÁ**  
**21 OUTUBRO 67**

## Índice

---

<b>A mulher do percussionista</b>	<b>9</b>
<b>O prisioneiro da perna-de-pau</b>	<b>185</b>
<b>Agostinho padeiro</b>	<b>201</b>
<b>A confissão de Claes de Praet</b>	<b>205</b>
<b>O cantor do rei</b>	<b>219</b>
<b>Uma fogueira de livros</b>	<b>223</b>
<b>O diário de Hans Vervest</b>	<b>231</b>
<b>O rico avaliador de tecidos</b>	<b>245</b>
<b>Confundido com piratas</b>	<b>257</b>
<b>A quem temerei?</b>	<b>261</b>
<b>Davi e Jônatas</b>	<b>277</b>
<b>Dirk Willems e o caçador de ladrões</b>	<b>285</b>

**A**

**MULHER**

**DO**

**PERCUSSIONISTA**

## Capítulo 1

---

Como uma imensa vassoura, os ventos fortes do mês de março assolavam o Mar do Norte. Das ondas encrespadas saía um borrifo salgado que molhava as lavouras de beira-mar da Frísia. O ar vespertino estava úmido e frio.

O vento sacudia as janelas do botequim *Oude Ale House* na Rua das Águas em Leeuwarden. O ano era 1531, tempo em que Leeuwarden era a capital provincial da Frísia, nos Países Baixos.

A porta do botequim se abriu e um homem magro saiu cambaleando no vento forte.

— Espere por mim, Thaddeus — chamou outro homem, este bem mais forte do que aquele, enquanto o vento quase o prensou na porta.

— Então venha — disse o primeiro homem. Ele se chamava Thaddeus Dirks e era o percussionista na banda militar do exército do rei Charles V.

— Pode andar comigo até a ponte se você quiser, Andrew. E tenha a bondade de andar aqui ao meu lado para o vento não me jogar na água — pediu Thaddeus com um sorriso.

Andrew Claesson deu uma risada alegre, mudando de lado para melhor proteger seu colega. Exclamou:

— De fato, este corpanzil o protege bastante do vento.

Se eu fosse maneiro como você, iria carregar uma corrente no meu bolso para me dar mais peso.

Foi apenas com um grande esforço que o homem magro conseguiu acompanhar seu companheiro forte. Umhas poucas folhas de árvore que haviam passado o inverno debaixo da neve, que agora derretia, voavam ao vento quando os homens pisavam nelas.

— O que vamos fazer com aquele negócio de segunda-feira? — perguntou Thaddeus com voz preocupada.

Com um traço de nervosismo na voz, Andrew respondeu:

— Fazer...? Não temos opção. Temos que obedecer às ordens. Eu não gosto daquilo. Você também não. Mas fazer o quê?

— Depois de você, Andrew, Sicke Snyder tem sido meu melhor amigo durante os últimos dois anos. Eu agora vou contribuir para a sua morte? É assim que a gente trata os amigos?

— Olhe, de qualquer jeito ele terá que morrer, não importa se nós tocarmos na banda ou não. Nós não teremos culpa de nada — disse Andrew, como se não se importasse com nada, mas a expressão em seu rosto mostrava que isto não era verdade.

Thaddeus sempre conversava muito depois de tomar algumas doses. Era o que estava fazendo agora, mas devido ao vento forte, Andrew tinha que inclinar-se para um lado para ouvir o que o outro dizia.

— Está errado. Está sim. Sicke é mais homem do que você ou eu, Andrew. Ele é mais homem do que os sacerdotes, ou George Schenk, ou...

Andrew interrompeu, dando uns tapas nas costas do amigo:

— Psiu, Thaddeus! Você está querendo ver sua cabeça rolar também? Não converse assim aqui na rua. Se você não parar de falar besteiras, na próxima vez você vai voltar para casa sozinho.

Mas o homenzinho não ligava para as palavras do outro.

— Largue de ser bobo. O vento não tem ouvidos. O que estou dizendo é a pura verdade. Será que a gente não tem o direito de falar a verdade nas ruas de Leeuwarden?

— Tudo depende, meu amigo Thaddeus. Depende de que lado da espada que a verdade fica. Eu acredito...

Aqui Andrew baixou a voz:

— Eu acredito que Sicke Snyder está convicto de que está com a verdade. Caso contrário não estaria disposto a perder sua cabeça. Mas pensando bem, você não acha que nossos sacerdotes, monges e freis também pensam estar com a verdade?

— É impossível todos estarem com a verdade! — exclamou Thaddeus tempestuosamente.

— Você acha que não?

— E como? A igreja condenou Sicke como herege. Segunda-feira à tarde, como você também sabe, o carasco vai decapitá-lo em praça pública.

— A igreja tem esta tradição de matar os hereges — respondeu Andrew.

— Se Sicke Snyder é herege, então todos somos hereges. Ele é o tipo de homem que eu queria ser. No mês passado quando uma epidemia deixou todo mundo de cama, quem veio cuidar de nós? Sicke Snyder e sua filha. E quando o dono da casa que eu alugo quis me colocar na rua porque o dinheiro que ganhava como soldado não dava, quem me arrumou um bico como ajudante de alfaiate? Quem me ajudou a aprender a profissão, como cortar pano, como costurar, como fazer tudo? Foi Sicke, foi ele mesmo! Nunca vi um homem tão bondoso...

Andrew interrompeu novamente:

— Mas sabe o que acontece? Sicke não sabe ficar calado. Ele anda falando com outros sobre suas ideias.

Eu até fiquei sabendo que ele foi rebatizado em Emden em dezembro passado. Eu nunca contei a ninguém, mas um dia quando não havia ninguém por perto, ele me olhou bem sério e disse: 'Andrew, nunca se deve batizar um infante. O batismo é para quem crê.' Também soube que ele dava aulas bíblicas aos interessados e pregava as mesmas coisas. Não é por menos que os sacerdotes de Stadtholder o prenderam. A igreja não pode tolerar uma coisa dessas.

— Quanto aos infantes, não sei se é certo batizá-los ou não. Mas uma coisa eu sei: Eu sei que é totalmente errado nós estarmos entre os soldados na segunda-feira, vigiando o coitado do Sicke. Está errado nós tocarmos música para os presentes não poderem ouvir o que ele tem a dizer na hora da sua morte. Se os outros percussionistas quiserem estar presente, tudo bem, mas você e eu, Andrew, somos seus amigos. Eu *não* vou!

Agora bem assustado, Andrew disse:

— Mas Thaddeus, você não tem opção. Você jurou ser leal ao rei e cumprir todas as suas ordens. Você tem coragem de quebrar seu juramento?

— É isso que Hannah também me diz. Ela diz que eu não terei culpa se Sicke for morto. Eu apenas estarei cumprindo ordens. Mas não há como eu me obrigar a fazer isso.

— Vá para casa e durma, Thaddeus. Passar doze horas cortando e costurando pano deixaria qualquer um quase doido. E aquelas três doses de pinga não estão fazendo bem para sua cabeça.

Colocando a mão na cabeça, Thaddeus concordou:

— Eu sei. Pensei que talvez com isso eu me esqueceria de tudo, mas não deu certo. Quem sabe deveria ter tomado outra dose.

— E quem sabe você tomou uma dose a mais!

Andrew Claesson parou e deu um abraço no amigo.

— Estamos na ponte. Boa noite, amigo.

— Boa noite.

Thaddeus ficou olhando enquanto seu amigo se afastava pela rua de paralelepípedo. Tremendo de frio, pegou no corrimão da ponte e começou a atravessar o canal.

Daí a cinco minutos ele girou a maçaneta pesada da porta de sua casa. Ao entrar, sentiu o cheiro de cebola frita e queijo ricota.

— Thaddeus, é você? Até que enfim! — Hannah Dirks estivera bastante preocupada com o marido.

— Demorei porque eu e Andrew estávamos conversando. O vento estava tão forte que mal dava para a gente conversar direito.

— Queria que você não ficasse até tão tarde na rua depois de sair do serviço.

— Pode ficar tranquila, Hannah. Sei cuidar de mim.

— Eu sei, mas...

— Mas o quê...?

Havia lágrimas nos olhos dela.

— Você sabe que às vezes conversa demais. Se você não tiver cuidado, será levado preso também.

— Mas eu não sou anabatista.

— Eu sei que não é, mas pelo jeito que você fala do Sicke Snyder, a gente poderia até acreditar que é.

— Eu sei com quem falar.

— De fato, mas depois de umas doses de pinga, sua língua fica solta. E já que estamos falando nisso, gostaria que você parasse de frequentar o botequim depois do serviço. Seria um grande favor para mim e para nossos filhos.

— Eu sei quando parar de beber — disse Thaddeus a sua esposa. Do outro lado da mesa ela sentia o bafo forte de sua boca.

Sentindo uma forte repugnância, virou para o lado. Depois mudou de assunto.

— O que você resolveu fazer na segunda-feira?

— Não resolvi nada ainda.

— Por que não cumpre o seu dever e pronto? Dentro de um instante tudo terá terminado.

— Foi isso que Andrew me disse. Mas eu pergunto: Será possível eu ficar aí tocando enquanto tiram a vida de meu melhor amigo?

— Thaddeus! Não fale assim!

— Você acha que eu sou um sujeito sem coração? Acha que tenho coragem de olhar na cara do Sicke, comportando-me como se fosse seu inimigo? Tenho dó dele e não gostaria de estar em sua pele. Mas sabe de uma coisa? Às vezes acho que seria vantajoso. Sei que Sicke nunca trocaria de lugar comigo.

— Mas Thaddeus, Sicke sabe que você é um dos percuSSIONISTAS da banda desde os 20 anos de idade. Ele vai compreender que você está apenas cumprindo seu dever.

Respirando pesadamente, Thaddeus Dirks puxou sua cadeira para mais perto da mesa. Segurando a cabeça nas mãos, suspirou. Doía só de pensar nisso.

“Por que a minha consciência me incomoda? Por que Andrew aparentemente não sente nada? Quem sabe eu estou levando as coisas muito a sério.”

Em voz alta continuou:

— Mas o que me incomoda é o fato que Sicke é um homem muito bom e os sacerdotes que querem matá-lo não são. São hipócritas...

— Thaddeus! — interrompeu sua esposa.

— É a pura verdade!

— Mas não todos...

— A maioria é, Hannah.

— Mas...

— Você não está vendo o problema? Eu também me considero um homem honesto.

Para isto Hannah não teve resposta.

A noite foi tomando conta da cidade de Leeuwarden. De vez em quando ouvia-se o barulho de uma carroça passando na rua.

Thaddeus deixou a mesa sem tocar em sua comida. Com as mãos enfiadas nos bolsos, foi até uma pequena janela e olhou para a rua. Ficou assim durante uma hora, sem dizer nada.

Ainda estava nesta posição quando uma carruagem puxada por dois cavalos parou em frente à sua casa. Um homem e uma moça desceram. Pela luz fraca dos lampiões da carruagem, Thaddeus os reconheceu.

— Hannah! Veja quem chegou! Meu pai e a minha irmã. O que será que estão querendo aqui? — Thaddeus abriu a porta e os convidou a entrar.

Simon Dirks era um comerciante bem-sucedido que morava em Emden, a uns cem quilômetros ao leste de Leeuwarden. Com o corpo duro depois da longa viagem, ele entrou na sala e se sentou.

— Saudações, Pai.

Olhando para sua irmã, disse:

— E para você também Elizabeth. Que surpresa agradável! O que estão fazendo aqui em Leeuwarden?

Simon Dirks passava a mão em seu bigode grisalho enquanto respondia à pergunta:

— Um funcionário idiota que não soube trabalhar fez com que uma carga de chá, vinda da Índia, ficasse presa na alfândega em Harlingen. A única solução foi deixar tudo que eu estava fazendo e ir até lá para desenrolar o problema.

— Quando o senhor saiu de casa? E como está a minha mãe? — perguntou Thaddeus.

— Ela está boa, bem como todos da família — respondeu Elizabeth, que tinha 12 anos de idade.

O pai de Thaddeus voltou a falar, como se estivesse com muita pressa:

— Saímos de casa hoje de madrugada. Em Groningen trocamos de cavalos. É uma viagem longa para um dia e estou cansadíssimo. Se vocês tiverem camas, pousaremos aqui, mas tenho que continuar a minha

viagem ainda de madrugada. Elizabeth pode ficar com vocês até eu voltar.

— Quando pretende voltar?

— Tenho certeza de que não conseguirei terminar meus negócios amanhã, de modo que eu devo ficar em Harlingen até segunda-feira. Devo estar aqui novamente segunda à noite.

— Seus meninos estão dormindo? — perguntou Elizabeth timidamente.

— Estão, mas se o senhor entrar aqui no quarto, pode vê-los — respondeu Hannah.

Sem mostrar nenhum entusiasmo pelas crianças, Simon disse secamente:

— Pode deixar os pequenos com Elizabeth. É para isso que ela veio. Há tempo que está pedindo à sua mãe que a deixe vir aqui para conhecer o bebê. Como é que ele chama mesmo...? Gerrit?

— É Gerrit, sim.

Hannah levou Elizabeth até o quarto onde Gerrit dormia. Num berço maior dormia Claudine, a filha mais velha de Thaddeus e Hannah. Ela tinha três anos e Gerrit apenas seis meses.

Durante a noite parou de ventar e bem cedo no sábado, Simon Dirks saiu de viagem para Harlingen. Thaddeus conversava com sua irmã, mas às vezes ficava sem dizer nada, com olhar vazio.

“Eu sei o que lhe está deixando incomodado”, pensou Hannah. “Que será que vai acontecer segunda à tarde?”

Parecia que uma sombra negra pairava sobre esta pequena família.

## Capítulo 2

---

Segunda-feira, dia 20 de março do ano 1531, amanheceu sem nuvens e um pouco frio. Nas baixadas, a neblina já dissipara e o sol ia derretendo os poucos bancos de neve que ainda sobravam no lado norte dos diques.

Thaddeus Dirks saiu de casa em torno das dez horas, vestindo seu uniforme e com seu tambor nas costas.

— Não voltarei para o almoço — ele disse a sua esposa e irmã.

— Onde você vai almoçar?

— Não estou com fome, mas possivelmente comprarei qualquer coisa no botequim.

— Você vai para o botequim tão cedo assim?

— Sim, meu batalhão vai se reunir na praça ao meio-dia. Vou ter que tomar alguma coisa para criar coragem.

— A coragem não vem em garrafa — disse-lhe sua esposa, um pouco chateada, enquanto ele fechava a porta.

Enquanto Thaddeus descia a rua, pensou: “Começando amanhã, vou ter que parar de beber. Sei que Hannah não gosta. Ela é um pouco mandona, mas é uma boa esposa”.

Thaddeus e Hannah tinham cinco anos de casados.

Quando se conheceram, ela era uma moça pobre e analfabeta da zona rural. Muitos dos amigos de Thaddeus estranharam a sua escolha.



Quando o sol ainda estava bem alto, Hannah e Elizabeth foram à praça da feira-livre. Hannah segurava Claudine pela mão e Elizabeth carregava o bebê. Atravessaram a ponte sobre o canal e viraram à direita.

Homens, mulheres e crianças se apressavam pela rua. Em cada esquina a multidão aumentava. Parecia que uma atração magnética estava puxando todos para a praça da feira-livre.

— Nunca vi tanta gente assim — disse Hannah, quase como se estivesse falando consigo mesma. Pegou Claudine nos braços e a carregou até a praça.

— Não sabia que havia tanta gente em Leeuwarden — disse Elizabeth enquanto olhava o mar de rostos em sua frente. As muitas vozes pareciam com o zunido de abelhas em volta de uma colmeia.

— Mas muitos não são daqui. O pessoal dos povoados ao redor e da zona rural está aqui hoje também. Os padres animaram todos a virem para ver o que acontece com hereges.

No meio da praça havia um palanque. Seria aqui onde o preso perderia sua cabeça à vista de todos.

Misturadas entre a multidão, via-se batinas de padre.

Um homem grisalho, encurvado, que andava apoiado numa bengala, parou para falar com Hannah. Falando bem alto, com sotaque de alemão, perguntou:

— É você Hannah? Meus olhos não enxergam direito mais, e meus ouvidos não ouvem como antes.

— Sim, sou eu, Sr. Siebers. Como vai o senhor?

— Como eu vou? É isso que você pergunta? Eu sou o mesmo velho Hans que você conheceu há muitos

anos quando trabalhava para a gente. E quem é esta mocinha? É sua irmã?

— Não, é a irmã de Thaddeus. Ela é de Emden e está aqui de passeio.

— Ah! muito bem. E o Thaddeus, cadê ele?

— Sr. Siebers, como o senhor sabe, ele é o percussionista no batalhão dele.

— Ah! sim, sim, sim. Eu havia me esquecido onde eu me encontrava. Estava até pensando que era o dia de feira-livre.

Com isso o velho deu umas risadinhas.

— Como vai a sua esposa? — perguntou Hannah educadamente.

— Minha esposa? Ela ficou em casa. Não queria assistir a este espetáculo. Ela me disse que seu sangue já está muito velho para este tipo de atividade. Mas eu não perco uma coisa dessas.

— Mas é lógico — concordou Hannah distraidamente. Então ela explicou:

— Eu também queria ter ficado em casa, mas vim para dar um apoio moral ao Thaddeus. Será que vão demorar?

— Agora mesmo eles virão — disse o velho, quase aos gritos. Acrescentou:

— Pelo menos para o Snyder vai ser agora mesmo.

Com isso baixou a voz e perguntou:

— Hannah, o que será que aquele sujeito tem?

— Qual sujeito?

— Sicke Snyder.

— Por quê?

— Ele deve ser um bobo para deixar que os outros o matem deste jeito. Para ele não morrer, bastava confessar que estava errado.

— Quem sabe ele pensa que está certo e não quer mentir. Thaddeus o conhece muito bem e diz que é um homem honesto.

— Mas nós todos sabemos que ele está errado. Por que será que ele não vê isso?

Bastante agitado, o Sr. Siebers bateu na rua de paralelepípedo com sua bengala. Continuou:

— Aquele bobo está ganhando o que pediu, é isso que eu digo. Por que ele não presta atenção ao que os padres ensinam?

Dava para ouvir o rufo dos tambores na distância e a multidão de repente ficou em silêncio.

— Estão chegando — disse o Sr. Siebers enquanto virava a cabeça para ouvir melhor.

Elizabeth havia prestado atenção à conversa. Agora ela perguntou:

— Quem é aquele homem de idade?

— Hans Siebers. Durante cinco anos trabalhei como empregada na casa deles. Às vezes ele fica um pouco estranho, mas gostei muito do meu emprego. Apenas queria que não falasse tão alto. Parece que ele mesmo não ouve a sua voz e pensa que os outros também não ouvem.

O rufo dos tambores ficou cada vez mais alto. Todas as cabeças estavam viradas para ver a chegada da procissão.

— Estão chegando! — gritou um homem alto.

Na frente da procissão havia um senhor imponente montado num enorme cavalo branco. O governador, como a autoridade máxima da província de Frísia, George Schenk ia abrindo caminho até o palanque. Em seguida vieram os soldados e os percussionistas.

Depois dos percussionistas vieram dois cavalos que puxavam uma carroça de rodas altas. Nesta carroça estava o preso, sentado, com as mãos e os pés algemados. Ao seu lado estava o carrasco, sua espada pesada visível para todos verem.

Ouvia-se vozes na multidão, insultando o preso.

— Snyder, mas que vergonha!

— Que Deus castigue a sua alma, herege à-toa!

De onde estava sentado, Sicke Snyder olhava a multidão, procurando algum conhecido. Levantou as duas mãos, presas por correntes, para saudar os presentes.

Novamente houve um grande silêncio. Ninguém esperava isso. Pararam os insultos. O rosto do preso refletia vitória e não derrota! A atitude da multidão mudara.

O governador apeou de seu cavalo e subiu ao palanque. Fez um sinal para o carrasco trazer o preso. Ouviu-se um rufo abafado de tambores enquanto os soldados subiam as escadas, carregando Sicke Snyder. Foi colocado no meio do palanque. Uns poucos soldados e os percussionistas seguiram, tomando posições em volta do preso, olhando para a multidão.

De repente Hannah segurou o braço de Elizabeth com força. Alguma coisa estava errada. Pelo jeito que Thaddeus subira as escadas, sabia que ele estava bêbado.

Neste momento George Schenk, o governador da província, fez sinal para todos ficarem em silêncio.

— Meus prezados cidadãos de Leeuwarden e de Frísia, o trabalho que nos cabe esta tarde não é agradável, mas é honrado. Estamos fazendo a vontade de Deus, pois ele quer que sua igreja seja mantida livre e pura de hereges.

Hannah Dirks viu seu marido levantar a baqueta, como se quisesse falar alguma coisa. Mas ficou calado. Ele olhou para o preso. Seu rosto ainda refletia paz. Segurando Claudine mais perto em seus braços, ela pediu que Elizabeth a seguisse. Foram se aproximando mais do palanque.

O governador continuou:

— Nosso preso, Sicke Snyder, residente da nossa amada cidade de Leeuwarden, foi ouvido em nossos tribunais e julgado como herege. Ele tem rejeitado o batismo e as cerimônias da santa igreja mãe e tem andando de lugar em lugar pregando e divulgando esta

doutrina de rebelião no país todo. Ele merece a morte! É herege e pecador!

O governador fez sinal para os percussionistas voltarem a tocar, mas foi interrompido quando Thaddeus Dirks, de um pulo se colocou ao lado do preso e com a voz pesada, gritou:

— Mentira! Pura mentira! Conheço o Snyder há mais de dois anos e sei que não tem um homem melhor do que ele. Ele se encontra preso aqui porque vocês fariseus não aguentam ver um verdadeiro cristão.

Para deixar mais claro quais eram os fariseus, Thaddeus apontou sua baqueta para os sacerdotes ao lado do palanque.

O silêncio era absoluto e todos procuravam ouvir suas palavras. Se não fosse uma ocasião tão séria, o percussionista bêbado teria até provocado gargalhadas entre os presentes, pois perdera o boné quando pulara ao lado do preso. Enquanto falava, gesticulava com a baqueta, de vez em quando dando um golpe violento em seu tambor.

O governador fez sinal para alguém fazer calar o percussionista, mas ninguém se mexeu. Continuou falando sem parar:

— Eu sou apenas um percussionista ignorante, mas todos os dias eu trabalhava com este homem e sei que perante Deus não há ninguém mais inocente do que ele. É assim que a gente trata um homem que nunca prejudicou ninguém? Vejam bem, em volta dele há soldados para seus amigos não poderem se aproximar. Vocês pedem aos percussionistas que toquem para ninguém ouvir suas palavras. Tal tratamento deve ser reservado para assassinos, assaltantes e outros criminosos. Tudo isso é rolo dos padres. E o nosso governador que está aqui para agradá-los. Se vocês quiserem punir os pecadores, podem caçar alguns destes padres, pois sei que tem demais...

O percussionista, com o rosto vermelho e sem fôlego para continuar, teve que parar. O carrasco tapou a boca dele com sua mão e o arrastou do palanque.

A multidão começou a tumultuar-se. Alguém gritou:  
— É verdade o que este homem disse!

Em seguida saiu pelo meio do povo para não ser identificado.

Outro gritou:

— O percussionista está bêbado.

— Mesmo assim, o que ele falou é a pura verdade!

— Verdade ou mentira, o homem tem que estar doido para falar deste jeito — disse outro.

Os outros percussionistas começaram a tocar e a multidão se aquietou novamente. O carrasco subiu ao palanque novamente e pegou sua espada pesada, que brilhava no sol.

Hannah soluçava histericamente. Elizabeth, sua cunhada, tentou acalmá-la.

A jovem esposa pranteava:

— Ó Thaddeus! Por que você fez isso? Tinha medo de você se fazer de bobo. Agora vai parar na prisão.

Elizabeth pegou no braço da Hannah. Exclamou:

— Olhe! Olhe o rosto do condenado!

Sicke Snyder olhou para o céu, fazendo uma oração, enquanto o carrasco levantava sua espada.

Um golpe violento e sua obra maléfica estava feita. A multidão mostrou-se descontente, revoltada com o que acabara de acontecer.

Sicke Snyder, o primeiro mártir dos Países Baixos, morrera corajosamente.



## Capítulo 3

---

**D**uas horas depois da execução de Sicke Snyder, Hannah e Elizabeth chegaram em casa, cansadíssimas. Thaddeus se encontrava preso. Por mais que seus amigos implorassem, as autoridades não o soltavam.

Hannah estava chateadíssima. Pensou: “Eu pedi que tomasse cuidado, mas não me ouviu. Agora quem vai sofrer com tudo isso sou eu. Sem marido, como vou criar estes dois filhos?”

Elizabeth estava mais esperançosa.

— Não se preocupe, mana. Quem sabe amanhã, quando Thaddeus estiver bom de novo, ele sai da prisão, se estiver arrependido.

— Não é bem assim. Aquela multidão de gente ouviu suas palavras. Você acha que os sacerdotes vão perdô-lo? De jeito nenhum! O que eles vão fazer é cortar a cabeça dele também, para servir de lição para outros percussionistas bocudos.

— Eu sei que Thaddeus não devia ter falado aquilo, mas foi a pura verdade, não foi?

— É, dá para ver que você é irmã de Thaddeus. O que seu pai diria se ouvisse você falar uma coisa dessas?

— Perdão, Hannah.

Nisso Elizabeth teve um novo pensamento.